

ANO I—N.º 143

PREÇO, 2 CENTAVOS

Sexta feira, 18 de Julho de 1919

REDACÇÃO PRINCIPAL
Alexandre Vieira
EDITOR: Joaquim Cardoso
Propriedade de U. O. N.
(Formulário da lei que regula a liberdade de imprensa)
Officina de Impressão
Rua da Batalha, 134
Redacção e Administração
Calçada do Combro, 38-A, 2.º
LISBOA—PORTUGAL
Endereço telegraphico: Tathaba—Lisboa

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

“A Batalha” vive!

A Batalha, cuja acção, sendo sempre necessária e útil à classe operária, poucas vezes o tem sido tanto como no momento que decorre, em que várias corporações operárias estão em luta com o patronato, sendo uma delas das mais importantes do país, quer pelo número dos seus componentes, quer pelas funções que exerce, como é a corporação dos ferroviários da C. P.; A Batalha, vamos nós dizendo, sai hoje com o esforço hercúleo realizado pelos homens que à sua frente se encontram, posto que as dificuldades com que vinhamos lutando a fim de adquirir papel para imprimir este órgão proletário, agravaram-se ontem consideravelmente, o tam inamovíveis se nos apresentaram que chegámos a convencer-nos de que hoje não poderíamos publicar este jornal.

Só as duas horas da madrugada conseguimos remover os formidáveis obstáculos que se nos depararam, o que significa que este número do nosso jornal há de forçosamente ressentir-se da precipitação com que é feito. Mas achamos isso preferível a deixar de trazer à luz da publicidade, neste momento, A Batalha, facto que, a dar-se, representaria, para os nossos camaradas em luta, a falta dum órgão de propaganda que eficazmente os tem auxiliado na cruenta batalha que está travada entre eles e o industrialismo, que de todos os meios vem lançando mão para os derrubar.

Estando em jogo não só a di-

gnidade, mas também os interesses e as aspirações, sobremaneira justas, de muitos milhares de trabalhadores, A Batalha, embora em formato mais reduzido que o habitual, mas com a mesma fé ardente, com a mesma alma inquebrantável, com o mesmo espírito de solidariedade que sempre a tem animado na sua cruzada, vem dizer às corporações em luta que podem contar com este jornal, que a seu lado tendo estado nas horas de bonança, a seu lado estará, a encorajá-las, a dar-lhes o esforço da sua dedicação, neste momento em que se batem valorosamente com um adversário que pretende reduzi-las às mais humilhantes condições de existência. Tal não sucederá, disse esta-mos certos, porque se se verificasse tal facto, não seriam apenas as corporações em luta que sofreriam um rude golpe, mas seria a classe operária inteira, que alvejada por forma a, durante muito tempo, não poder defrontar-se com eficácia dos rudes ataques do industrialismo e dos governantes.

A Batalha, enquanto não conseguirmos remover as dificuldades que se antepõem à sua publicação regular, sairá, portanto, no formato em que nos seja possível publicá-la, pequeno ou grande, mas diligenciaremos não interromper a sua publicação, certos de que o proletariado concordará conosco em que é preferível que ela saia em tais condições a deixar de publicar-se.

“A BATALHA” EM PARIS

(Do nosso correspondente especial)

A greve geral internacional—A atitude, perante ela, do operariado : : da França, Itália e Inglaterra :

PARIS, 5 de julho.

A greve geral internacional em protesto contra a intervenção dos aliados na Rússia, está definitivamente resolvida para o dia 21 do corrente. Os ingleses, de cuja adesão muitos duvidavam, aderiram muito calorosamente à iniciativa dos italianos e querem mesmo ir mais longe do que estes, pois a sua greve não durará somente 24 horas mas, provavelmente, só terminará quando forem atingidos os objectivos visados, isto é, quando o governo inglês levantar o bloqueio da Rússia, retirar da Rússia as tropas inglesas e se comprometer a não mais apoiar os reactionários russos.

Uma consulta foi feita aos sindicatos neste sentido pelos organizadores da greve geral.

O pacto pelo qual o proletariado italiano, francês e inglês se comprometeu a assumir a defesa activa da revolução russa deixa a cada uma das partes contratantes a liberdade de conduzir a greve segundo as suas circunstâncias particulares. Assim, a Confederação Geral do Trabalho, da França, vai aproveitar o movimento para fazer valer as reivindicações corporativas da classe operária francesa. Devido a isso, a luta tenaz e a greve de 21 do corrente não se passará como uma simples manifestação de protesto mas será também o dia do início de uma grande batalha social.

A burguezia francesa tem oposto nestes últimos tempos uma resistência desesperada às reivindicações da classe operária. Os grevistas dos transportes parisienses, em virtude dessa resistência, viram-se forçados a retomarem o trabalho sem quasi nada conseguirem. Os 300.000 metalurgistas da região parisiense foram ainda mais infelizes e a burguezia tem-se aproveitado da sua vitória para impor humilhações revoltantes aos operários. Portanto, todos os conflitos operários ocorridos nestes últimos tempos, não só não foram solucionados, como até foram agravados. E há a certeza de que no momento da greve geral internacional eles renascerão, a classe operária voltará com mais vigor ainda a sustentar as reivindicações que não foram atendidas a quando das últimas greves. Se isso succeder, também em França a greve geral não durará somente 24 horas.

Quanto à Itália, o próprio D'Arragona declarou que seria muito difícil a greve dos sindicatos italianos limitar a greve a 24 horas, porquanto o desejo do operariado é ir mais longe.

Que fará a burguezia ante a formidável manifestação operária de 21 do corrente? Até ao presente, ela não deixou ainda transparecer as suas intenções. Mas o mais prudente, para ela é capitular, é desistir de intervir na Rússia. O contrario será manter sempre viva uma agitação que poderá muito bem dar em resultado a revolução social.

A greve ferroviária

Prossegue o movimento com o maior entusiasmo

Nota officiosa do Comité Central

O movimento grevista da C. P. e das empresas particulares continua no mesmo pé, comquanto alguns jornais afirmem o contrario, e se sirvam de diversas notícias fornecidas por aqueles que tem o máximo empenho em tornar aqueles que reclamam mais pão.

O Seculo, na 2.ª pagina, 7.ª columna diz que vai ser lido hoje, no parlamento, um documento “curioso” em que se prova que a greve ferroviária obedece a causas politicas e não a reivindicações collectivas.

Cumpra a este comité desmentir energeticamente tão infames truccs. Pode o governo ter a contraprova do que quer fazer ver ao publico, e satisfazer as infimas reclamações dos ferroviários e os comboios trabalharão immediatamente.

Segundo as afirmações da C. P. as casas para os seus empregados são de graça. A nós parece-nos que elas são pagas e bem pagas.

A Companhia Portuguesa acaba de aceitar ao seu serviço empregados que ela tinha demittido por lhe não merecerem confiança, isto é, empregados com culpas no cartorio, “adiantamentos” por exemplo. Por aqui se vê o estado de força e o critério de moralidade em que a Companhia se mantém.

Em nome de toda a classe, agradece este comité ao camarada Tunchas a oferta de 25000. Estende-se este agradecimento a quantos ajudarem tão grandiosa obra de solidariedade.

Determinou-se o estabelecimento, no Entroncamento, de uma segunda comilha comunista, concorrendo o sindicato, para a formação dela, com a soma de 50000.

Em Campanha, pretendem o alferes Botelho obrigar o chefe principal Noronha, nosso velho e dedicado camarada, a fazer o serviço de agulhas. Este exemplar empregado não acatou as ordens de tal militar.

Annunciam os jornais affectos a Companhia que os comboios andam repletos de passageiros, mas não dizem e que as viagens gratuitas só são convenientes... para ingleses-ver.

Um bom camarada, que fez o precurso de Campanha a Lisboa, informou-nos do numero de amarelos existentes na linha. Esse numero não vai alem de 70, na maior parte chefes. Havendo 45 estações de Lisboa a Campanha, a percentagem de amarelos é, de facto, desanimadora, para a C. P.

Recebemos comunicados importantes que, por enquanto, não julgamos oportuno publicar. Os nossos meios de comunicação estão quasi completamente estabelecidos, pouco faltando para que toda a linha, merce de camaradas dedicados, esteja em relação conosco.

Já chegou a Vila Franca o novo chefe, traidor, que se ofereceu para vir fazer serviço, abandonando a sua estação, que é Muge. Este amarelo tem o nome de Rodrigues e é irmão do inspector do mesmo nome.

Avante, forçados da C. P.!

Abaixo os traidores!

O Comité Central.

Nota officiosa da Comissão de Melhoramentos

Tendo-se officiado a todos os jornais da capital, que publicaram o manifesto em que o governo atacava os ferroviários, pedindo-lhes a publicação da defesa destes, verificou-se com satisfação que os jornais O Mundo e O Seculo o fizeram immediatamente, sendo de esperar que todos os restantes cumpram com esse dever de lealdade.

Continuamos a afirmar que o pessoal do movimento que habita em edificios da Companhia, paga renda.

Demonstrém-lo.

46, loja; Ventura Fernandes, n.º 46, loja; Luiz Garcia, 56, loja; Laura Amelia Ferreira, n.º 74, loja; Margarida da Cruz Pereira, n.º 70, 1.º, esquerdo; Antonio Vitor das Neves, 60, pateo, porta A, 1.º, D.; João Silva, n.º 70, 1.º, esquerdo; Beatriz Costa Andrade, n.º 60, pateo; Eduardo de Almeida, n.º 66, loja. E ainda estouras, cuja morada se consignava.

Elisa Candida, calçada dos Barbadi-nhos, 173, loja; Constantino Gonçalves de Oliveira, travessa do Olival, 49, loja.

Muitas mais testemunhas presenciais do facto relatado se poderão apresentar, se isso for julgado necessario. Na rua da Bela Vista, a Graça, podem ainda hoje verificar-se, de uma maneira edificante, os sinais do espantamento, produzidos pelo sangue derramado na calçada ou projectado na parede. A parede apresenta ainda os sinais que nela deixou ficar a extremidade dos sabres policiaes, quando se desatregavam as cutiadas.

O facto relatado no n.º 136 de A Batalha, relativo a excessos policiaes, é

CONTRA A CARESTIA DA VIDA

OS ACONTECIMENTOS DE ITÁLIA

Como se fazem baixar os preços :

A iniciativa dos organismos operários

... Mercadorias escondidas ...

A agitação popular contra a carestia da vida na Itália teve recentemente um carácter agudo, que se generalizou espontânea e rapidamente, desde o norte ao sul do país, levando os comerciantes de certos lugares, que o movimento não atingiu, a baixarem preventivamente o preço dos géneros de modo escandaloso—escandaloso, por mostrar impudicamente o roubo de que o publico estava sendo vítima. Em Roma, como já aqui dissemos, a baixa foi de 50 %, nada menos! E depois vem-nos dizer que são os salários que encarecem a vida!

Na maior parte dos pontos, as autoridades foram prudentes, deixando passar a onda. Chegaram por vezes a obedecer prontamente às reclamações populares, decretando immediatas medidas de salvacao.

Em alguns lugares, porém, houve violências, como em Imola, onde os carabinieri mataram quatro pessoas. Quanto ao exército, mostrou-se em geral pouco disposto a intervir contra o povo.

O carácter revestido pelos sucessos em algumas regiões é digno de nota, como sinal dos tempos.

Em Ancona, a comissão executiva da Camara do Trabalho (União dos sindicatos) ensaiou o desempenho de funções que lhe competirão no futuro.

Após um grande comicio popular, reclamou a requisição dos géneros de primeira necessidade, a preço equitativo. O próprio prefeito se encarregou de decretar a medida para toda a provincia.

Como, porém, muitos negociantes recalcitrassem, o povo esvaziou-lhes os armazens, sendo os géneros levados em caminhões para a Camara do Trabalho.

Foi então que todos os negociantes, para evitar maiores dissabores, foram entregar as suas chaves a referida União

dos Sindicatos, que procedeu com a maior calma à distribuição dos géneros, afixando nas portas dos estabelecimentos cartazes com estes dizeres: “Mercadoria requisitada à disposição do povo.” Não houve o menor incidente, sendo os soldados aplaudidos pela população. E as autoridades, prudentíssimas.

Em Forli, deram-se acontecimentos analogos. A Comissão popular contra a carestia editou tabelas de preços e proclamações, levando os negociantes e industriais a aceitarem reduções consideráveis—nos tecidos, por exemplo, 50 por cento!

Poderíamos multiplicar os exemplos. Por toda a parte, as uniões de sindicatos ou os sovietes organizados para o caso se incumbiram de resolver a crise, tomando a iniciativa e a direcção das medidas contra a carestia.

Os escândalos vindos a lume foram de tal ordem, que a própria imprensa burguesa protestou mais ou menos claramente contra as imprudências e perigosas provocações dos acambaradores que são os verdadeiros fautores de greves e revoltas, os verdadeiros grevistas-cultores.

Assim, La Stampa, de Turim, declarou francamente: “a situação da Itália é a primeira a especulação a população de Forli descobriu não só armazem um milhão de libras de peles.”

Existências analogas de tecidos, roupas e géneros foram escondidas, em todas as cidades, com o fim exclusivo de provocar a alta. Porque, esperam, pois, as autoridades que as multidões se encolerizem e não procedam resolutamente a desencantamento dessas mercadorias?

E depois, os acambaradores fazem constar que os grevistas e os “agitados profissionais” é que são os culpados de tudo...

“A BATALHA” E A POLÍCIA

O presidente do ministério falta à verdade!

No extracto da sessão da Camara dos Deputados, que A Batalha ontem publicou, lia-se o seguinte:

“Refer-se em seguida (fala o presidente do ministério), em resposta a intervenção do sr. dr. João Camoesas sobre o caso das violências a que se refere a Batalha, declarando que são absolutamente falsas aquelas acusações.

Afirmou que nenhuma das testemunhas que a Batalha apresentou para justificar as suas afirmações, apesar de chamadas para deporem sobre o assunto, compareceram à sindicância a que mandou proceder, terminando por dizer que deixa à Camara o cuidado de fazer as considerações que o facto merece.”

O presidente do ministério faltou simplesmente à verdade! Não temos habitualmente uma preocupação que o presidente do ministério não tem: a de provar as acusações que produzimos.

Foi de resto o que fizemos em relação ao caso de que se trata, como vamos demonstrar, não com simples palavras, mas com factos.

No dia 12 do corrente receberam o redactor principal e o editor de A Batalha contra-fés, conforme noticiámos, para comparecerem no comando da policia. Ali fomos convidados pelo official de serviço, major sr. Sampaio—depois de nos ter lido o artigo que A Batalha publicára na véspera, sob o titulo A Nova Inquisição, a provar o facto concreto que no mesmo artigo se relatava, isto é, o caso da agressão de dois policiaes a uns populares, caso occorrido na

rua da Bela Vista a Graça, e não na rua da Boa Vista, não declinamos desde logo os nomes das testemunhas, porque nas contra-fés que nos haviam sido entregues não se nos notificara o motivo que determinara a intimação e, assim, não nos munhamos da respectiva lista de testemunhas, que aliás tinhamos nesta officina. Este o motivo por que não indicámos desde logo os seus nomes, prometendo fazê-lo, porém, numa outra entrevista, que ficou conveniencional realizar dois dias depois, pois o dia immediato era domingo.

Efectivamente, no dia fixado comparecimos no comando da policia, mas aquele official não pôde receber-nos. Voltámos no dia immediato e, como o não encontrassemos, retirámo-nos, tendo enviado nessa noite uma carta ao supremacismo official, na qual declaráramos colocar-nos ao seu dispor, pedindo-lhe, porém, que nos avisasse, de véspera, do dia e hora em que poderia receber-nos.

O sr. major Sampaio—criatura que, diga-se de passagem, nos tratou com a maior delicadeza—mandou dizer-nos pelo portador que desejaria avistar-se conosco no dia seguinte, ás 14 horas.

No dia e hora fixados lá estávamos. Aquelle funcionario lavrou um auto, que nós assinámos, auto ao qual ficamos apenas uma cópia do seguinte documento:

Atuado A Batalha, em 11 de Julho proximo passado, ao espantamento de dois individuos na rua da Bela Vista a Graça, facto succedido no dia seguinte ao chamado de S. Pedro. Os guardas agressores tem os n.ºs 1.012 e 1.565.

As victimas são José Serra Pinto, villa Dias, ao Beato, e Antonio Teixeira de Carvalho, calçada dos Barbadi-nhos, 223, rez-do-chão, esquerdo. Testemunham o facto, alem de outras pessoas, as seguintes, todas moradoras na rua da Bela Vista, a Graça:

Emilia Marques, n.º 66, loja; Manuel Baptista Godinho, n.º 42, loja; Alfredo de Freitas, 42, loja; Antonia Augusta,

